



O rei da Grecia e suas duas filhas as princezas Helena e Irene

(Cliché Chousseau-Flaviens)

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 117 de Maio de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração, officinas de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43

2.^a série — N.º 482

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAHNA

Trimestre.....	1\$20	ctv.
Semestre.....	2\$40	"
Ano.....	4\$80	"

Numero avulso, 10 centavos



Rifle de Repetição Calibre .22 A Arma Ideal Para Caçar



Um rifle de repetição calibre .22 ocasionar-lhes-ha grande prazer quando em busca da caça meuda. O atirador preocupar-se-ha unicamente em ver a exactidão do rifle que comprar, e que a potencia do cartucho que ella pôde disparar não evite o exito do tiro.

Peça para ver a nova arma repetidora REMINGTON-UMC calibre .22 para uso dos potentes cartuchos calibre .22 comprido rifle, assim como tambem .22 curto e .22 comprido.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.
Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nueva-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 421, São Paulo

No Território do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A, Manaus

Letra em Ferrage: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

A' VENDA

Almanaque d'O SEculo

(ILUSTRADO)

A' VENDA

PERFUMARIA Nº 2638
ROSA D'OUTRO
COLOSAL
SORTIMENTO
Rua do Oura, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44, PARIS

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO. 20 RÊIS CADA NUMERO

Resposta a consultas: prestação de serviços tecnicos: analyses e informações.

FOR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos.

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Comprem as Sedas Schweizer

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e biasas: Crépe de China, Duchesse, Tafelats, Foulards, etc., Cambraia suissa 120 cm de largo a partir de fr. 1 35 o metro.
Grandissima escolha sobretudo em preto, meio lucto, assim como em branco e côr.

Esta colleção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.
Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova colleção de bordados suissos contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso. Biasas e vestidos para senhoras, meninas e meninos, em cambraia, Voile, Crépe, Transparente, Toile, etc. e em sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordos, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente em todos os padires.

Esta colleção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerna, E 11 (Suissa).



Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Gizella
O MELHOR SABONETE

O gaz asfiziante

Os ultimos numeros dos jornais referem-se largamente á adopção dos gazes toxicos como processo de combate pelas tropas do Kaiser. Segundo parece, é o cloro gazoso o toxico usado. São horribéis os efeitos. Morre-se pela asfixia, em massa. Aniquilam-se exercitos, sem derramar uma gota de sangue. E' a guerra moderna, na sua mais imprevisista expressão. Ignobil? Será. Mas é logico. Um povo como o alemão, quando joga, n'uma cartada suprema, o seu destino e a sua vida, não pôde escolher, generosamente, os processos de exterminio que adota. Mata para não morrer,— e utiliza, para



assassinar melhor, todos os recursos da sua civilização e da sua ciencia. A «guerre en dentelles» passou. As raças que se entre-devoram, como diria Fouillé, «por um grau de índice cefalico a mais ou a menos», não tem tempo para lêr a convenção da Haya. A Alemanha de Nietzsche com o seu pessimismo da força, trouxe a legitimidade de todos os processos de aniquilação. Heroismo? Generosidade? Bravura? Quimeras. Vence quem melhor souber matar,— pelo canhão ou pela baioneta, pela melinite ou pelo cloro gazoso. Devemos concluir, por isso, que é ignobil a Alemanha? Não. O que é ignobil é a guerra.

O sr. Emidio Antonio

O sr. Emidio Antonio, casado, pae de filhos, residente em Casaes de Clandes, perto de Tomar, é o maior e o mais honrado negociante de porcos da sua terra. Mete um conto de réis na algebeira, vem até Lisboa,— e hospeda-se, principescamente, na estalagem dos Camilos. Certa noite, no Rocio, ouve tairocar atraz d'ele umas chinelas polidas, passar-lhe, hombro com hombro, um chaile preto, luzirem duas argolas d'ouro n'uma carinha trigueira. Os sessenta annos viçosos de Emidio Antonio reflexcem; arde-lhe no sangue a primavera,— e ele lá vai no encalço da rapariga. Chegam-se á fala. N'isto,



o honrado negociante de suínos sente uma palmada nas costas: é um policia que o detem e o previne de que vae atraz da mais terrivel gatuna de forasteiros. A mulher foge; o povo ri; o homem apalpa na algebeira as suas ricas notas de banco, e dá graças a S. Pedro Martyr de não ter pago por um só beijo o dinheiro de tantos porcos. D'af

os dias volta para Tomar e encontra fechada a casa. A mulher? Tinha requerido o divorcio. Os filhos? Tinham fugido de casa. Os sogros? Tinham-lhe voltado as costas. Grita, barafusta, quer saber porquê. Mostram-lhe um jornal de Lisboa com o retrato d'ele, o retrato da gatuna,— e toda a historia escandalosa da «Trailheira» e de Egidio Afonso, negociante de suínos em Casaes de Clandes. Moralidade: para os forasteiros ainda ha uma coisa peor do que encontrar uma gatuna que os roube;— é encontrar um policia que os salve.

Artistas

Quando esta Cronica fór lida, já se terá inaugurado a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes. Lisboa irá prestar homenagem aos seus maiores pintores: a Malhóa, o mestre admiravel dos «Bebedos» e dos «Oleiros», da «Romaria» e do «Fado», em cuja pintura portuguezissima, latejante de cor e de luz, palpita a alma anciosa do povo; a Columbano, nobre paleta onde se diria que Velasquez deixou um pouco do seu génio; a Salgado, o artista maravilhoso a quem se deve essa obra-prima que é o retrato de Braancamp Freire; a Carlos Reis, o paisagista eminente da «Manhã de Clamar»,— e aos mais novos, a Constantino Fernandes, a Souza Lopes, Ezequiel, a Saúde, a Trigo, o poeta algarvio da «Costa d'ouro» e da «Arvore em Festa», a todos os creadores de beleza, que, indifferentes ao tumulto crescente das paixões politicas, são como certas aves, que ainda cantam melhor durante as tempestades.



Vocabulario Taurino

Os calões profissionais são, entre nós, d'uma grande riqueza. Um dos mais opulentos é o calão de toureiro. Os autores pacientes do «Divertimento erudito» e das «Enfermidades da lingua» encarregaram-se, no século XVIII, de recolher a sua parte mais viva e mais interessante; o sr. Rodovalho Duro acaba de completar esse trabalho, com uma lucidez notavel, publicando o «Vocabulario Taurino». Uma das caracteristicas do calão nacional das toiradas é a sua fixidez: os toureiros d'hoje falam ainda como o Duarte Galvão, como o Marquez de Marialva, como o Vitorino do tempo de D. João V, como os Roquettes, como o Sedowem, como o Vimioso, como os Grilos negros de Salvaterra, adorados por D. Miguel,— a mesma linguagem cerrada, cheia, vivaz, saborosa, pitoresca, erigçada do calão de alveitaria, mas forte, pura, solida, portugueza.

JULIO DANTAS.



(Ilustrações de Manuel Gustavo).



anti-militarista

ERA o apóstolo das turbas. E, quando ele, soberbo, magnífico, n'uma apoteose de eloquência trevejava, do cimo da tribuna, em apostrofes revolucionárias, a multidão no inconsciente delírio coletivo, aureolava-o de uma reputação messiânica de santo, de profeta magno da emancipação proletária.

Em todas as grèves, em todas as colisões entre o povo e a força pública, ele aparecia arengando aos soldados, excitando-os á disciplina e á deserção. Tinha imensas condenações, e todas derivadas do seu perigoso antimilitarismo. Quando alguém lhe argumentava com uma visão de guerra, ele afirmava esse facto como um fenómeno social impossível da era presente, porque, ante o tremendo cataclismo, o operariado erguer-se-ia em massa, e á chamada patriótica dos clarins responderia com o grito da revolução social.

Chegaram a acusal-o de traidor, de vendido aos inimigos da França, mas ele estoico na sua fé, orgulhoso da sua doutrina, queimado no seu idealismo humanitário, acolhia as vaias e os insultos com o indiferentismo rígido com que ouvia os juizes lerem-lhe, nos tribunaes, as sentenças condenatorias. E havia apenas dois dias que ele abandonára o ar lobrego do presidio, na expiação d'um artigo vermelho contra o exercito francez; mas já anunciava uma proxima conferencia, de retumbante tẽma, quasi prudhonesca, e que os jornaes da grei intitulavam *A tivanía dos exercitos e a liberdade dos povos*.

Moveram-se pedidos de amigos e ameaças da autoridade. O momento não era proprio. Estava turva a atmosfera internacional e das

bandas do Reno soprava mais rijo e forte o vento imperialista.

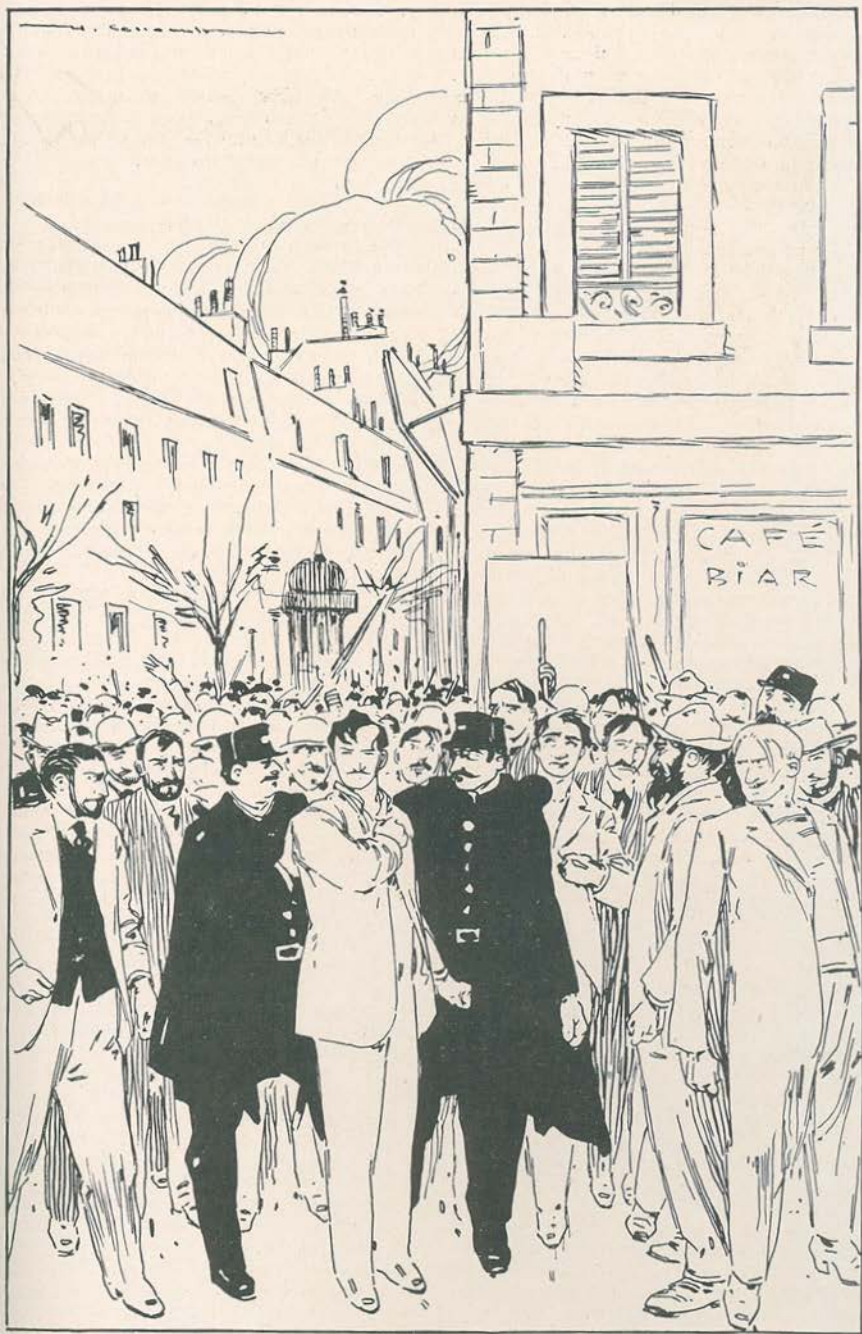
Mas Marcelo não acedia. Tinha a crença do visionario, e enchia-lhe o coração gaulez a plena confiança na lealdade dos camaradas da *Social Democracia*. Via n'isto, apenas, manejos capitalistas, intrigas de diplomatas, tão seguro estava de que a agúia germanica e o galo francez não viriam a picar-se, presos e amarrados ambos pela mão potente do proletariado dos dois paizes. Fizeram-lhe vêr o erro, chamando-lhe a atenção para os preparativos guerreiros da Alemanha, e apontando-lhe com sobresalto, os rubros clarões que sulcavam, por momentos, o horizonte politico, listrando, em visões sangrentas, as nuvens escuras que se elevaram das detonações de Sarajevo.

Em resposta, Marcelo disse: «Pois farei a conferencia... e o governo que me mande prender como traidor á patria...»

A sala de conferencias da Confederação Geral do Trabalho parecia um enxame agitado, inquieto e barulhento. A policia prohibira a conferencia, mas sabia-se que a ordem não seria acatada e que, apesar de tudo, Marcelo falaria. Prometera-o ele aos seus camaradas, n'uma afirmação solene e decidida, porque estava proxima a hora, não do conflito guerreiro que os jornaes anunciavam, mas sim a hora grande e justiceira da revolução social que transformaria a França e a Alemanha—os dois inimigos tradicionais—em irmãos aliados pelos laços soberanos da fraternidade proletaria.

N'um momento, um clamôr de centenares de consciencias, caldeadas na febre emancipadora, retumbou pelo vasto salão. Era a *Internacional*; o canto revolucionario das camadas infimas, a saudar Marcelo que surgia na tribuna. Mas já ele estendia a mão sobre o auditorio pedindo calma e silencio, quando um tuiar de revolta atroou a sala. Era a policia a invadir a casa. E entre a tempestade de colera e indignação, o famoso *cidadão Browning*, de Hervê, soava por vezes, nos seus estalidos metalicos e perigosos. Cá fóra, um cinto de agentes da autoridade, em volta do edificio, espreitava todas as saídas.

Minutos depois a força limpava a sala, e Marcelo saía entre as espadas da ordem pública, sem chapéu, a cabeleira revolta, altivo e sobranceiro. Os camaradas da Confederação fizeram-lhe uma apoteose de aplausos, intercalada de insultos e imprecações contra os



representantes violentos da Prefeitura. Atravessou as fileiras do povo, sorrindo às acl-

mações, sereno e forte, como satisfeito do seu dever cumprido.

Quasi ao fim da rua estremeceu; parecia-lhe ouvir os gritos dos *camelots* no pregão fático da ameaça que ele não temia. Pensou, porém, que era apenas a vulgar exploração da garotada a ludibriar a opinião publica. Mas o clamor crescia; ecoava já o ulular da multidão. Havia vozes de vingança e gritos de temor, e dominando tudo um fuzilar de entusiasmos que o fizeram vacilar.

Pediu a um dos policiaes que lhe deixasse comprar um jornal; o agente chamou um garoto que trazia na mão o *Matin*. Marcelo recusou porque era uma folha burgueza, e perguntou se tinha a *Guerre Sociale*. O petiz deulho. Ao comprimento de toda a primeira pagina, como um frontespicio de morte, lá estava a visão prevista: «A Alemanha declara guerra á França». Marcelo sentiu no rosto o sôpro gelado das grandes desilusões. Atirou fóra o periodico n'um gesto de desespero, e seguiu n'um silencio triste para a prisão.

Correram dias, em que ele ainda confiava. Era lá possível o proletariado germanico convertido ao servilismo do capricho militarista. Mas teve conhecimento de recontos efetuados já entre os dois exercitos, e soube, com pavor que a horda prussiana invadira a pacifica Belgica, passando como um furacão de luto, de extermínio, de crime e de maldade sobre o laborioso povo belga. Mais tarde viu que os soldados de Guilherme II pisavam parte do terreno francez, incendiavam Louvain, bombardeavam Reims, como um bando de hunos nos tempos escuros da selvajaria atiniana. E como tremendo golpe—no *Reichstag*, a *social democracia* votára a guerra com entusiasmo, e aclamára delirantemente o Imperador! Sentiu a derrocada formidável de todas as suas crenças puras, e a flor branca de paz e amor que lhe embriagara a alma, no sonho humanitário, viu-a estiolar entre os clarões incendiarios da guerra, amarfanhada na garra desleal dos velhos camaradas da Germania.

Um mez depois comparecia perante o tribunal. O juiz perguntou-lhe quem era o seu advogado.

—Eu proprio, senhor magistrado, respondeu Marcelo. E tão bem falou, tão alto ele conseguiu elevar a voz do seu ideal em defesa do crime patriótico, que apesar da crise belicosa que a França atravessava, não obstante o perigo dissolvente da sua doutrina revolucionaria, mesmo contra o odio que a classe burgueza lhe votava, o jurí absolveu-o. Marcelo voltou-se, então, para os jurados e disse apenas: obrigado: eu saberei agradecer á França. E saiu.

Fóra do tribunal, alguns velhos camaradas esperavam com alegria o dedicado companheiro, e, quando o viram, iam manifestar-se ruidosamente. Marcelo pediu-lhes silencio e disse-lhes que o acompanhassem.

Sereno e firme, como um homem que vae cumprir um dever, o grande libertario encaminhou-se para um *bureau* d'alistamento de

voluntarios. Os camaradas olhavam-se com espanto e os empregados que o conheciam ficaram surpreendidos e perturbados. Que iria ali fazer o intransigente anti-militarista Marcelo?! Baixando a cabeça, o propagandista disse, pelo *guichet*, ao empregado: Marcelo Pétard, e n'um tom forte, como ainda ha pouco trovejara nos comicios.—Uma espingarda... e mandem-me para a fronteira.

Nas tricheiras de Argonne, aos primeiros livores da madrugada.

Marcelo tinha chegado na vespera, e insistia por um logar nos postos avançados da linha de fogo. Fôra um acontecimento a aparição estranha do propagandista libertario, e aos que o interrogavam sobre os motivos d'aquella patriótica conversão, ele respondia n'uma firmeza de convicto: Venho pagar á França a minha liberdade. E seguia serenamente para o seu logar da vanguarda.

Os francezes haviam conquistado, nos ultimos dias, mais alguns metros de terreno, e as duas linhas de tricheiras, nos dois campos, distanciavam-se pouco mais de cincoenta metros. Em momentos de treguas os inimigos dialogavam.

Os alvôres doirados da manhã começavam a iluminar o campo. Marcelo olhava com tristeza a floresta sangrenta. De subito, viu surgir na sinuosidade dos entrincheiramentos alemães uma figura conhecida. Era Franz Rosen, deputado por Berlim, antigo camarada das lutas proletarias, e um dos mais rijos polemistas da *Social Democracia*.

—Tu, Franz!... Tu a combater a França?! exclamou Marcelo.

—Sim, Marcelo, como tu combates a minha patria, — respondeu o outro. E desenrolando ao vento a bandeira imperial, que lhe haviam confiado, elevou-a ao sol, como uma recordação, e gritou:

—*Deutschland über alles*...

De repente um dialogo vivo de fuzilaria cortou a conversa. Marcelo entrou em fogo. Minutos depois o clarim chamava á carga. As baionetas da companhia de Marcelo precipitavam-se sobre o inimigo, n'uma onda de aço brilhante e heroica, onde o sol nascente punha cintilações de vitoria. O anti-militarista, n'um entusiasmo magnifico, avançou, fixando Franz A rajada épica assola as fileiras prussianas. E no torvelinho humano, entre a dôr que grita, a raiva que amaldiçoa, a ferocidade primitiva que se choca e dilacera na confusão sanguinaria das duas massas vivas em embate, rebôa, como um pregão de triunfo, a voz potente de Marcelo, a cantar:

—*Allons enfants de la Patrie*...

E toda a companhia n'um côro sublime, saudando o heroe que agitava, em delirio, a bandeira arrancada a Franz Rosen, acrescentou:

—*Le jour de gloire est arrivé!*...

VITOR MENDES.

Orfeon Academico de Coimbra



1



2



3

1. O sr. Elias Luiz de Agular, regente do orfeon.

2. Da esquerda para a direita 1.º plano, os srs. J. Azevedo, Elias Luiz de Agular, M. Forjaz de Sampaio e S. Maia. 2.º plano

os srs.: J. Neves, J. Sampaio, A. Figueredo, Ismael Reis e

F. Sanzto, ensaiadores do Orfeon.

3. O sr. Henrique de Barros Lima, presidente da Direcção.

O Orfeon Academico de Coimbra, que com tanto brio mantem a gloriosa tradição herdada dos tempos em que foi dirigido por João Arroio e Antonio Joice, vae brevemente fazer uma excursão pelo norte do paiz, apresentando-se no Porto, Braga e Vila do Conde.

Nenhuma agremiação merece como esta as sympathias e os aplausos de todos os bons portuguezes. Constituido por um numeroso grupo de moços estudantes, que n'uma estreita confraternisação cultivam a arte divina com que o seu



4

mitologico patrono, Orpheu, amansou feras e enterneceu penhascos, o Orfeon Academico de Coimbra dá, cantando, uma nobre lição a toda a mocidade luzitana, exortando-se, pelo exemplo, a fugir aos odios que o dividem e que tão improprios são da sua natural generosidade, e incitando-o a unir-se afetosamente no sagrado e neutro campo da beleza.

EUGENIO DE CASTRO.

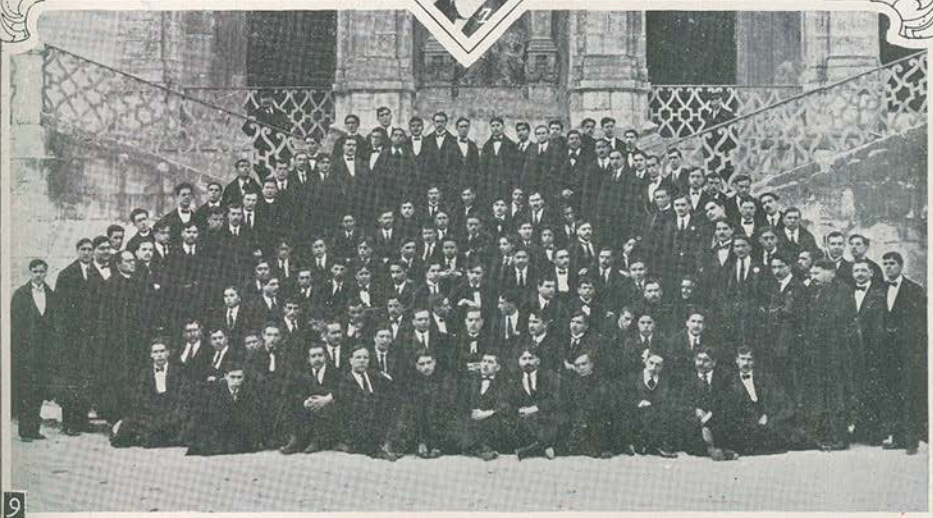


5

8

6

7



9

1. O sr. Rosario Batista de Carvalho, tesoureiro.—3. O sr. José Simões Neves, 1.º secretario.—6. O sr. Henrique de Souza, 2.º secretario.—7. O sr. Antonio Sampaio Maria, vogal da direcção.—8. O sr. José Miguel Ladeira, vogal.

9. O Orfeon Academico de Coimbra

(Cliché do fot. sr. Gabriel Tinoco)

Curso juridico de 1880-1885



Grupo de bachareis formados em direito em 1885, que reuniram em Coimbra nos dias 2 e 3 do mez corrente. (Fotografia tirada junto ás portas da capela da Universidade)— Ao centro, de pé, o bispo-conde de Coimbra, sr. dr. Manuel Luiz Coelho da Silva.—Da esquerda para a direita, sentados, srs. drs. Antonio Figueiredo Guimarães, advogado e notario na Certã; Vicente Lulz Gomes, juiz das execuções fiscaes em Lisboa; Antonio Toscano Soares Barbosa, contador da comarca da Vila da Pedra; José Maria d'Almeida, Proprietario, residente em Coimbra; Baltazar de Freitas e Brito, advogado e proprietario em Benavente.—De pé, no 1.º plano, srs. drs. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*; Manoel Gomes Palma, advogado e proprietario em Beja; Antonio Patricio Correia Gomes, proprietario em Coruche.—No 2.º plano, srs. drs. Artur d'Almeida Ribeiro, juiz da Relação de Lisboa e antigo ministro das colonias; Antonio Viana de Lemos, director da Companhia do Papel do Prado; Manuel da Silva Gato, escritor e secretario da Universidade de Coimbra; José Rebelo Barbosa, proprietario; Francisco Mesquita, advogado em Condelixa.—No 2.º plano, srs. drs. Solano d'Alreu, escritor e proprietario em Abrantes; José de Sousa Machado, notario em Braga; Agostinho d'Almeida Prego, advogado no Porto e Cardoso Pimentel, advogado em Pombal—(Cliché do distinto fotografo Gabriel Timoco)



Madrugada

*Dentre a relva orvalhada, a cotovia
Encastela no ar cantando e rindo ;
O vago azul do céu vão colorindo
Os largos tons de luz, nuncios do d'ia.*

*Desfaz-se lentamente a nevoa fria,
Como veu que se rasga e vão caindo,
Como bacas de anoso tamarindo,
Pora a terra, os cristaes que a noite cria.*

*Fumegam chaminés pelas aldeias
E correm para o mar, alem, distante,
Os rios semelhando enormes veias.*

*Aqui e alem soturno caminhante . . .
Os rebanhos beijando as valas cheias,
Na rubra luz do sol púrpureante.*

Marcelino Mesquita.

(Das Meridionaes)

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Realmente, os progressos das tropas aliadas na linha ocidental tem sido lentos, devido a varias circumstancias, avultando entre elas as dificuldades do inverno que comecam a desaparecer e os meios desleaes de que continuam a servir-se os alemães. Mas o que

ter, aproveitando-o para base de sucessivas e victoriosas operações.

A luta redobra de calor á medida que n'este e n'outros pontos os exercitos do Kaiser se veem forçados a demandar em louca debandada o seu territorio. Póde calcular-se

é facto incontra-verso é que tem havido progressos. Embora palmo a palmo, inglezes, francezes e belgas v en fazendo desde mezes recuar os alemães para as suas fronteiras, deixando na terra franceza muitas dezenas de milhar de cadaveres e muitas mais de prisioneiros.

E' curioso que entre nós se não assinalasse de uma maneira entusiastica o terem já os aliados dos posto pé na fronteira alemã ao nordeste de Nancy e bombardeado as primeiras fortificações de Metz. Não passaram ainda muito além, mas esta transposição de fronteiras é digna de registo, porque, conforme se vê pelos ultimos telegramas, representa um avanço lento mas firme, não deixando ao inimigo pro-

habilidades de reconquistar o perdido, porque se enfraquece pouco a pouco com derrotas sucessivas e largas perdas do seu melhor material de guerra.

Os aliados penetram no territorio alemão deixando gradualmente consolidada a sua obra de avanço e continuando-a com a mesma tatica. Estamos certos de que tudo o que ali forem conquistando hão de man-

o efeito produzido na Alemanha por este avanço. Jactava-se ella de que continuaria no occidente a fazer a guerra sobre o solo estrangeiro, poupando a seu a ruinas e a um pouso forçado com grave prejuizo da sua economia interna. A sua jactancia acabava de sofrer um golpe humilhante; os seus povos da fronteira comecam a debandar agulhoados pelo terror de pagarem todos os latrocinios, todas as selvajarias, de que tem sido victimas a França e a Belgica. O dia da expiação não póde tardar, e ainda bem, porque só com ele voltará o socego á Europa.

Está a completar 10 mezes da mais grave perturbação mundial de que reza a historia, provocada pelos

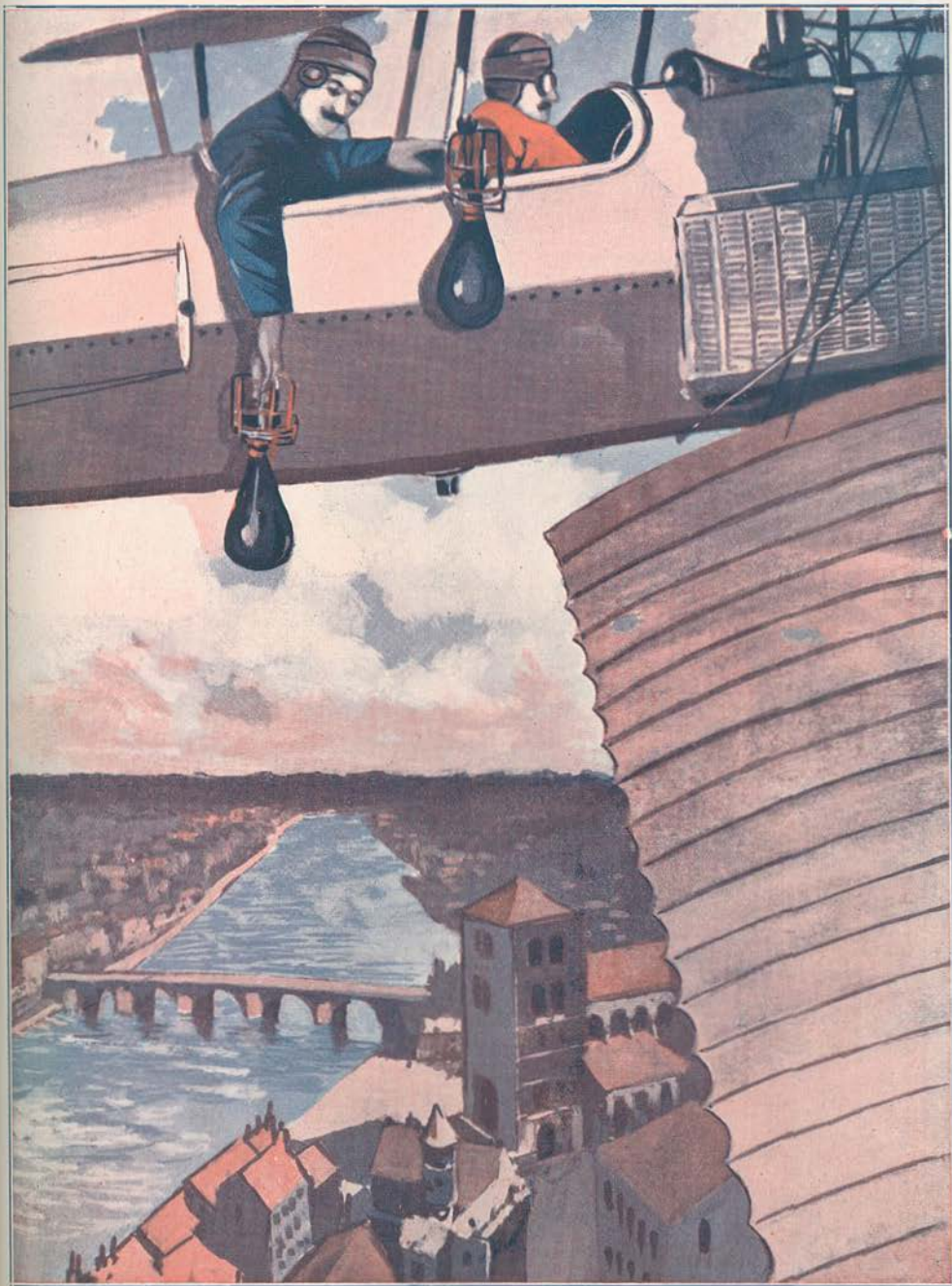
alemães. Os paizes, que ainda não foram arrastados para a guerra com medonhos sacrificios de vidas e de dinheiro, sofrem serias inquietações, um mal intenso que afeta não só toda a sua vida economica e financeira, mas ainda a sua propria vida politica.

O dia em que terminar o conflito será um dia de supremo alivio para o mundo inteiro.



A saída das trincheiras para um assalto

(Da Illustration)



Um aeroplano dos aliados lançando bombas.

OS GAZES ASFIXIANTES

Continuam os alemães com o uso traiçoeiro dos gases asfixiantes para obrigarem os aliados a abandonar algu-



mas trincheiras; mas o seu efeito mortífero vai falhando muito porque em Inglaterra descobriu-se um pequeno e simples aparelho preservativo que se aplica ao nariz, dando-se a circunstancia interessantissima de, em 36 horas, se terem confectionado e oferecido ao governo inglez 500:000 d'esses aparelhos, isto é, muito mais do que se tornavam precisos.

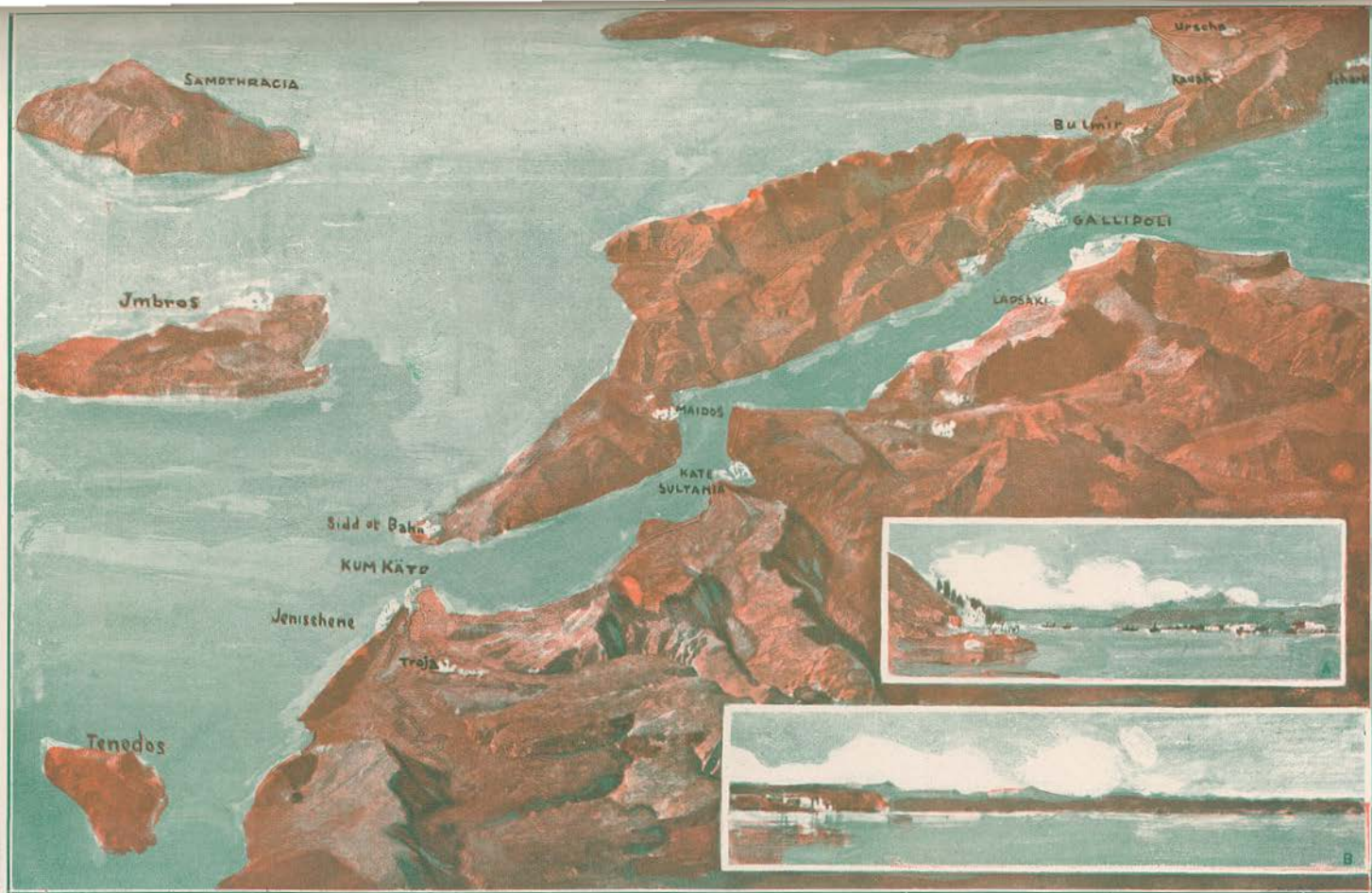


1. Aparelho respiratorio adotado pelo exercito Inglez para impedir os efeitos dos gazes asfixiantes espalhados pelos alemães.—2. Aparelhos adotados pelos alemães para espalharem nas trincheiras os gazes asfixiantes.



Experimentando o liquido que se transforma nos gazes asfixiantes.

Soldado alemão com o aparelho e agulheta com que espalha os gazes asfixiantes.



O Estreito dos Dardanellos e o relevo das suas margens, segundo os melhores desenhos e fotografias



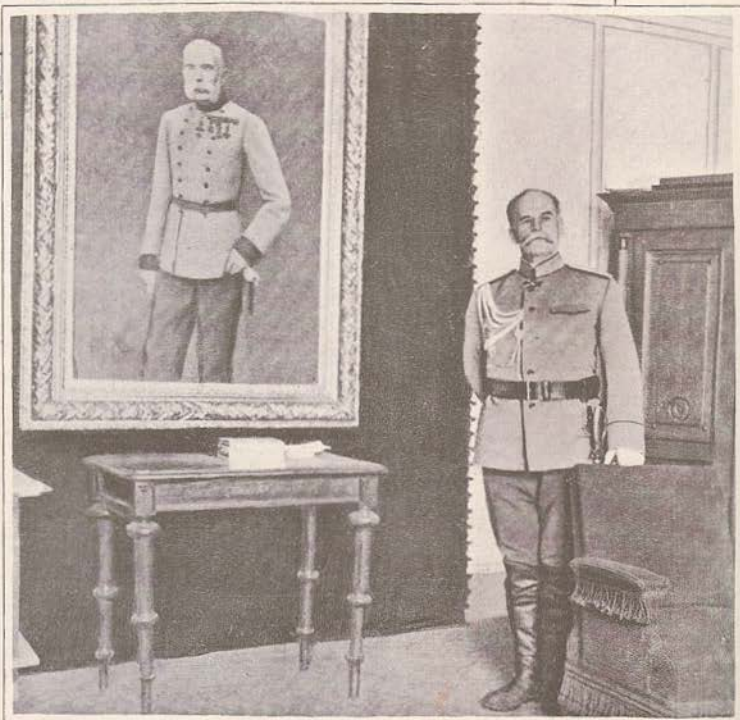
tem para eles é a situação da praça como centro de operações militares e de trabalhos industriais que não podem deixar de acompanhar as primeiras.

Os russos, longe de se mostrarem destruidores como muitos supunham, tem respeitado o mais possível as ferras que vão tomando e procuram tirar d'elas o maior proveito economico, man-

Em Przemyśl. — A vida da importante praça austro-hungara de Przemyśl já entrou na normalidade. Hoje, na posse dos russos que assinalaram a sua conquista por um brilhante feito d'armas, a poderosa cidade da Galicia respira do longo e violento cêrco que a trouxe oprimida. Vae a pouco e pouco readquirindo o seu grande movimento de entrepôsto da vasta região das minas de petroleo.

Os russos não se deixaram dominar pela embriaguez da victoria; o enorme despojo de guerra em peças, munições, armas portateis e em toda a especie de material immediatamente utilisavel, serviu-lhe de muito; mas o que maior apreço

temo em atividade os misteres locais. Se a sua artilharia não teve outro remedio senão destruir, o que lhe resistiu é objeto de cui-



1. Os russos afixando cartazes nas paredes noticiando a tomada da cidade de Przemyśl.
2. O general Artawouoff, novo governador russo de Przemyśl, fotografado no seu gabinete, em cuja parede se vê o retrato do Imperador Francisco José.



Grupo de oficiais e soldados da Cruz Vermelha austriaca

dados de conservação e reparação. Em Przemysl está tudo como encontraram; não desmancharam, nem destruíram coisa alguma. Não mutilaram nem apearam os retratos de Francisco José para substituí-los

por outros; não os incomodam os objetos que lhes lembrem o poder e a felicidade dos



A cavalaria russa entrando em Przemysl.

seus adversários.

Este espírito de tolerância e de confiança na própria força tem contribuído admiravelmente para que os austro-húngaros, que vivem dentro d'aquelles muros seculares,

não estranhem tanto o jugo dos conquistadores.



Uma guarnição austriaca no momento de se entregar aos russos



Como os índios fabricam o pão—(Cliché Excelsior)



No pateo de honra dos Invalidos;—Um glorioso 75 que volta da linha de fogo. Vêem-se no cano vestígios das schrapnells alemãs—(Cliché Branger)



Os costumes da Servia são dos mais curiosos e menos conhecidos do Oriente. O que damos aqui é do funeral em Nish de um soldado, morto em campanha, e cujo cadaver é transportado n'um carro de bois.

(Da *Ilustração Italiana*)



Os serviços dos cães de guerra estão-se tornando cada vez mais úteis e por conseguinte generalizados. Nos portos de mar as respectivas sentinelas francezas estão acompanhadas dos valorosos animaes.

(*The Sphere*)



Nos Carpatos: Um destacamento de caçadores tyrolezes



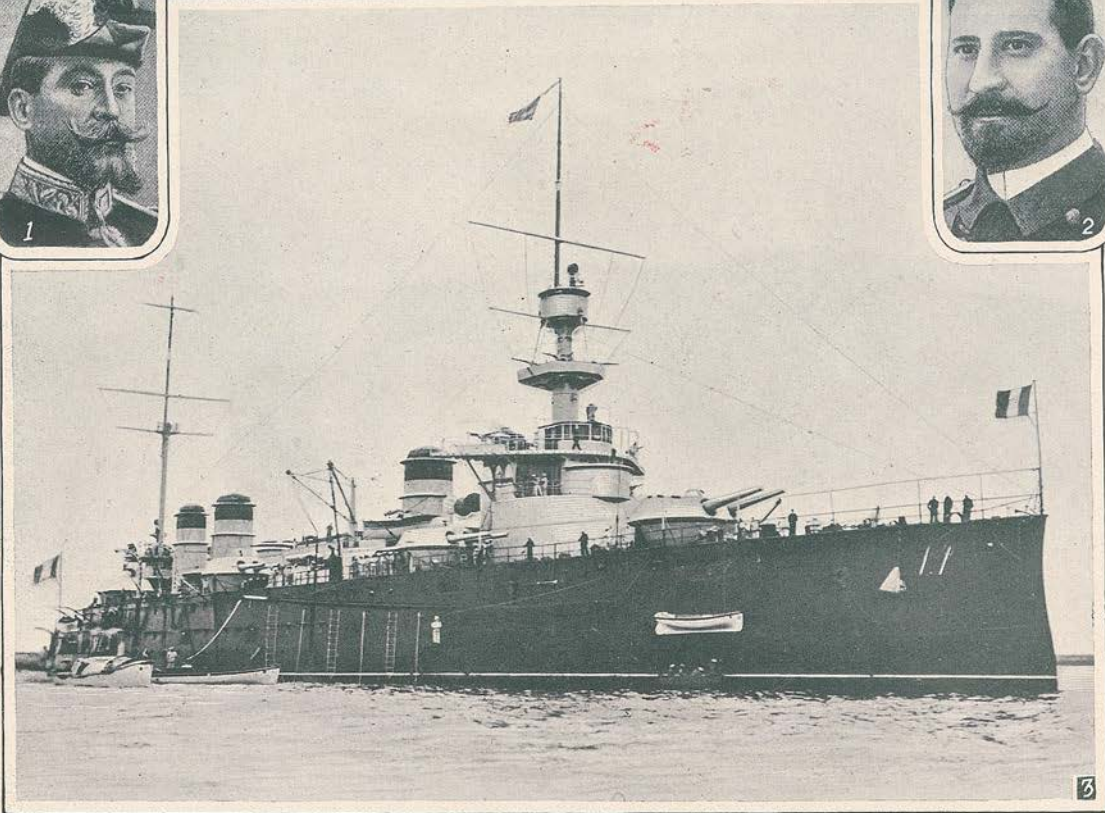
A artilharia inglesa galopando pela estrada de Mons, perto da qual teve com os alemães um formidável encontro, de que saiu vitoriosa.

(The Illustrated London News.)

O "Leão Gambetta"

Foi á entrada do canal de Otranto que um submarino austriaco meteu no fundo o belo cruzador francez «Leão Gambetta». Seguia-o de longe, espiando-lhe a derrota, ora mergulhando, ora vogando ao lume d'agua, até que, sem ser presentido, se aproximou atirando-lhe o primeiro torpedo e depois segundo, afundando-se o cruzador em 10 minutos.

Todos os officiaes morreram e da equipagem foram salvos a muito custo cento e oito homens por chalupas e torpedeiros italianos que acudiram logo e lhe prestaram socorros com corajosa atividade, levantando os

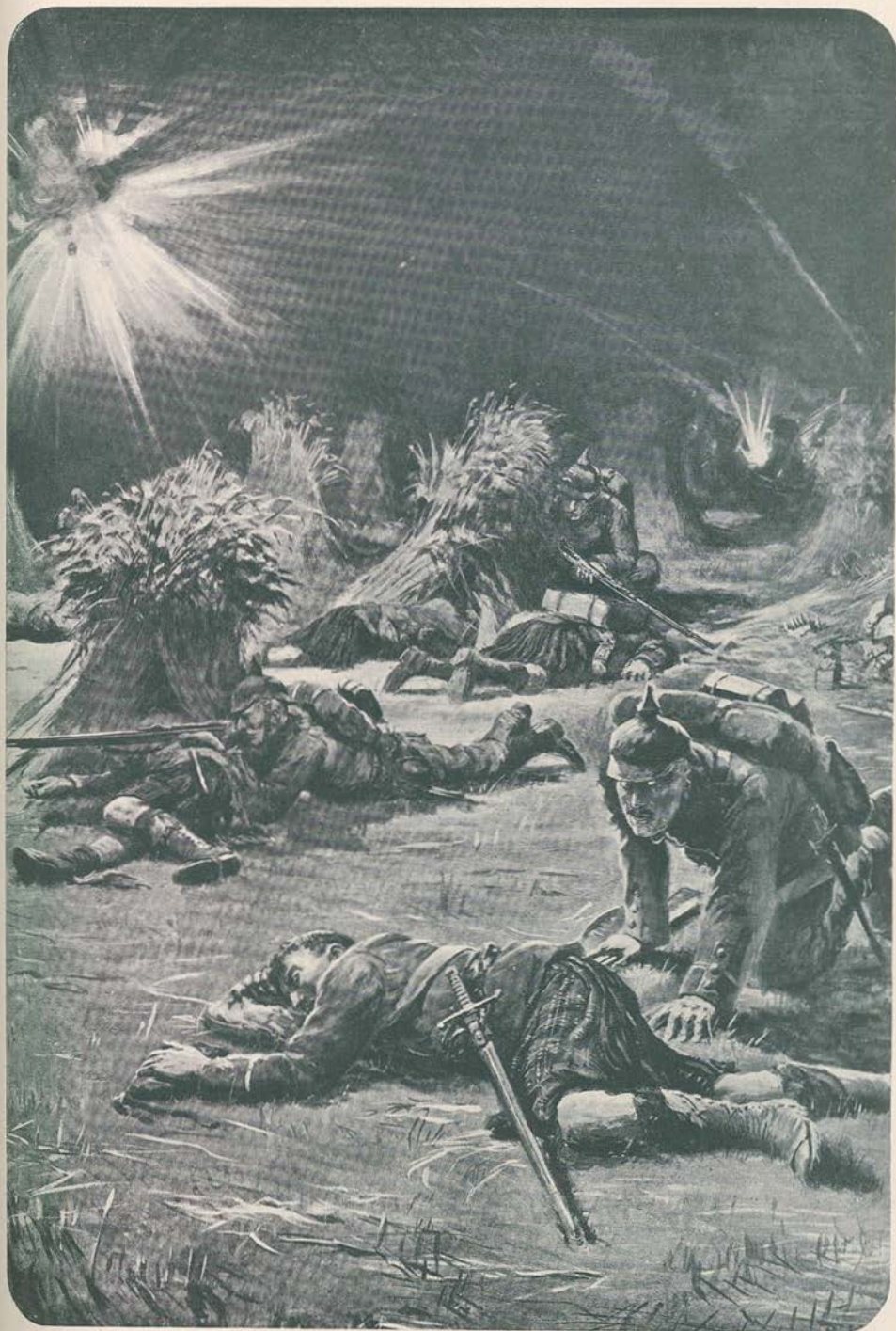


1. O contra-almirante francez Senès que tinha o seu pavilhão arvorado no *Leão Gambetta*.—2. O comandante sr. André —3. O couraçado francez *Leão Gambetta*, que foi afundado no Adriatico por um torpedo austriaco—(Cliché Branger)

naufragos, depois de recolhidos, entusiasticos vivas á Italia.

Os officiaes do «Leão Gambetta» morreram todos, porque nenhum se quiz salvar. Preferiram esses bravos, verdadeiros corações de gaulezes, ir com o seu navio para o fundo. Apenas o cruzador começou a ser engulido pelas ondas reuniram-se eles na ponte em volta do seu comandante e recusaram-se a passar para os barcos italianos que se haviam aproximado. E lá desapareceram no abismo, gritando com uma voz energica, que mais parecia um brado de vitoria do que um adeus de moribundos:

Viva a França!



Os alemães, rastejando, servem-se dos corpos dos mortos ingleses para se protegerem da fuzilaria inimiga —(The Sphere).



Por traz, da esquerda para a direita; Almirante príncipe Luiz de Hattenberg, R. N.; grão-duque Paulo da Rússia; príncipe Philippe de Coburg - Sôbary; o falecido conde Alexandre Mensdorff, cuja mãe foi uma princesa de Saxe-Coburg; o falecido grão-duque Sergio da Rússia (com chapéu de derby); rainha da România; rei da România, grão-duquesa Sergueia da Rússia; o falecido duque de Edinburgh, e o irmão do rei Eduardo (na extremidade direita da fila do cimo); príncipe Henrique de Hattenberg, falecido (atrás do rei Eduardo, à direita, com chapéu militar); o falecido rei Eduardo; a princesa Henrique de Hattenberg; princesa Philip de Coburg (princesa Luiza da Bélgica); princesa Ernest Hohenzol-

Langenberg; duquesa de Saxe-Meiningen; grão-duque Vladimiro da Rússia; duque de Connaught, K. G.; o falecido príncipe Alfredo de Coburg e da Grã-Bretanha (por traz do imperador e do czar); a czarina; a princesa Luiza de Hattenberg, irmã do grão-duque de Hesse reinante, e por traz d'ela, a duquesa de Connaught, mulher do governador geral do Canadá; grão-duquesa Vladimira da Rússia; duquesa de Saxe-Coburg, na extrema direita; imperador d'Alemanha (sentado); rainha Vitoria (sentada); a falecida imperatriz Frederica d'Alemanha (sentada). No chão: princesa Beatriz, agora mulher do infante Afonso de Hespanha; a princesa Teodora de Saxe-Meiningen.

Ha vinte e um anos

Reproduzimos acima um grupo tirado em Coburg por ocasião do casamento da princesa Vitoria, de Saxe-Coburg, com o grão-duque de Hesse em 1894. Os nomes das personagens que n'ele figuram em tão alegre e feliz conjunto, a recordação dos que a morte já fez desaparecer e o antagonismo feroz em que a atual guerra lançou homens que ali se vêem unidos como amigos e parentes, não podem deixar de sugerir tristes reflexões sobre a instabilidade dos sentimentos e dos interesses dos homens e dos povos.



Da esquerda para a direita: De pé: Princesa Nina Georgorovna da Rússia (filha mais velha da grã-duquesa); miss Ramsing (dama de honor da princesa Margaret da Dinamarca); miss Stechel; a princesa Margaret da Dinamarca. Sentadas: a grã-duquesa George da Rússia, a princesa Xenia Georgorovna da Rússia (filha mais nova da grã-duquesa), madame Stechel, mr. Stechel, e a aia das filhas da grã-duquesa.

O hospital de uma grã-duquesa

A grã-duquesa da Rússia, irmã do atual rei da Grécia e mulher do grão-duque George Michaelovitch, prima do imperador da Rússia, chegou a Inglaterra com os seus dois filhos e levou-os para Harrogate pouco antes da guerra ser declarada.

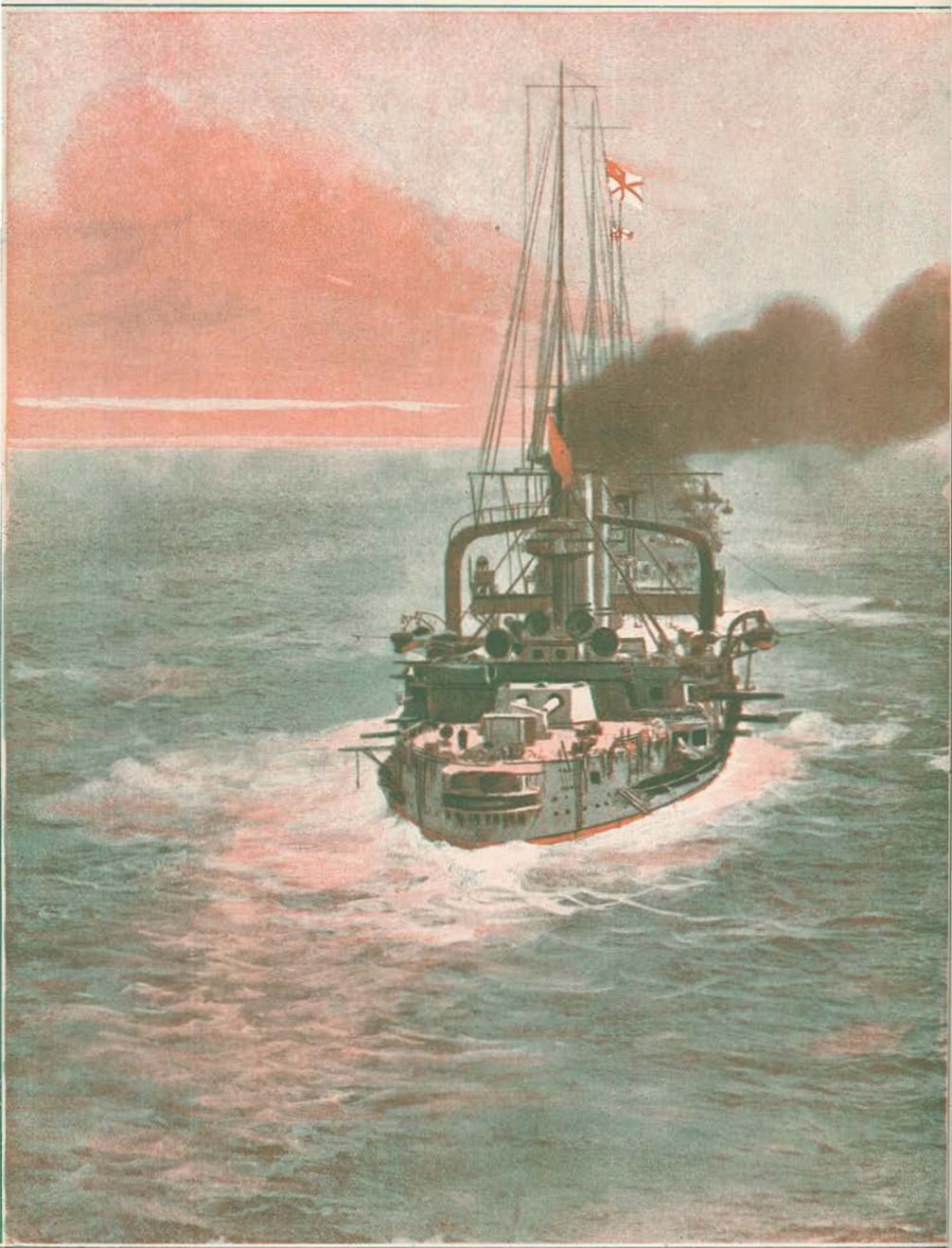
Sendo-lhe impossível regressar, organizou um hospital com doze camas para os feridos. Depois de arranjou nova casa contendo esta cinquenta camas, empregando a grã-duquesa o seu tempo na direção dos seus dois hospitaes.



1. Na Prússia Oriental: O rei Luiz da Baviera, inspecionando a frente oriental, examina uma boateria.

2. Biplano Aviatiek abatido por Garros e exposto no pateo de honra do palacio dos Invalidos, em Paris.

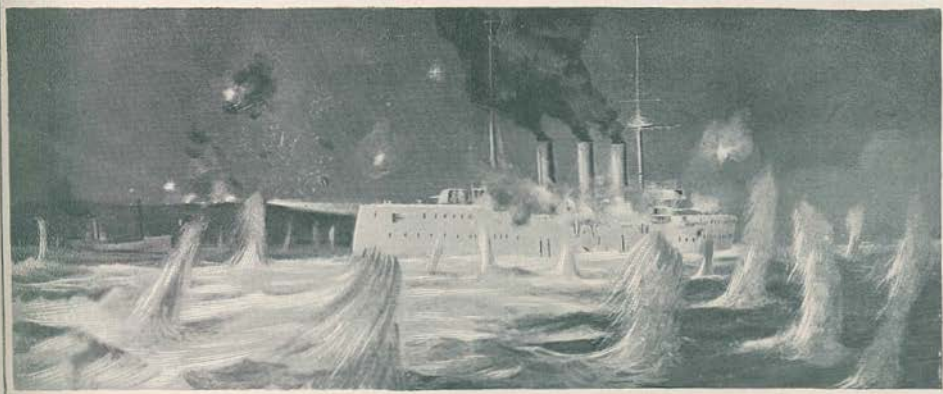
(Clichés Branger)



Nos Dardanellos: O vapor inglês «Triumph» encarregado do transporte de viveres e de munições de guerra



Um posto de observação de Inglezes preparando-se para atacar uma patrulha alemã



Nos Dardanelos: O cruzador Inglês *Amethyst* bombardeando, de noite, os fortes turcos (*The Sphere*).



Como os soldados ingleses assaltaram o castelo de Flandres, já ocupado pelos alemães, obrigando-os a uma vergonhosa retirada



O bispo de Angra.— O novo bispo de Angra, sr. D. Manuel Damasceno da Costa, um dos mais distintos oradores sagrados, foi professor de ciencias ecclesiasticas, historia e filosofia nos seminarios da Guarda e de Vizeu, onde captou geraes sympathias. Foi n'esta diocese que se realisou a cerimonia da sua sagração para bispo da S: de Angra, Açores. O sr. D. Manuel Damasceno fez os seus preparatorios no extinto collegio de S. Fiel e formou-se em Coimbra na faculdade de teologia em 1893, sendo muito considerado pelo seu caracter e pelo seu saber.

O sr. D. Manuel Damasceno

Um livro sobre Portugal.— Miss Ethel C. Hargrove, distinta escritora inglesa, esteve ha dois anos de visita de estudo entre nós, e r respondendo assim gentilmente ao convite da Sociedade de Propaganda de Portugal. Visitou especialmente o sul do nosso paiz, ficando encantada com as b. lezas e o clima do Algarve. No seu regresso a Inglaterra escreveu um belo trabalho sobre o nosso paiz, os seus costumes, grau de civilização, industrias, commercio, arte, desenvolvimento literario e artistico. Raras vezes um estrangeiro se occupa de nosso paiz com tanta exatidão.



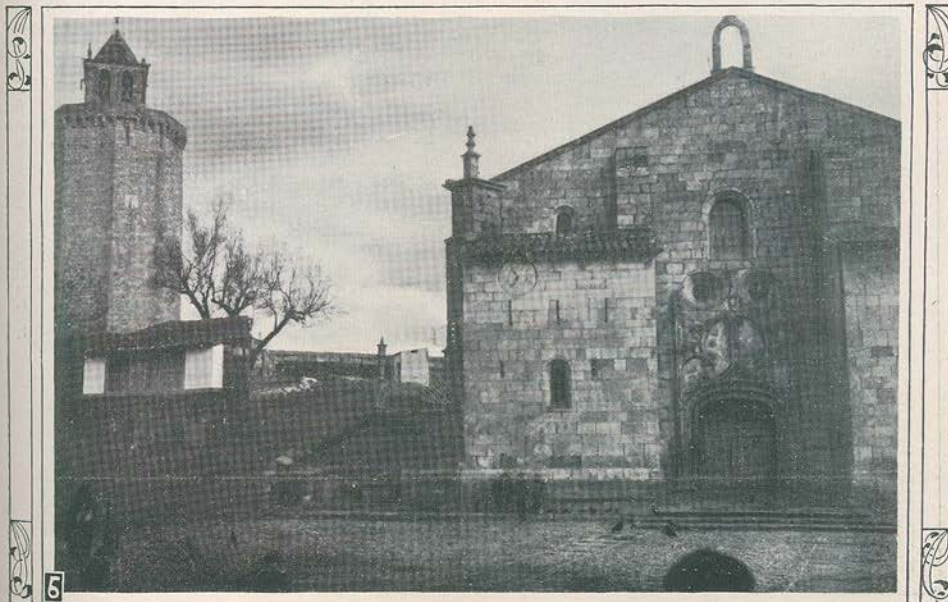
Miss Ethel C. Hargrove



3. Primeiro torneio de espada organizado na Madeira em 15 de Abril de 1915: Assalto entre os srs. Jorge Gordon e Estevão Pinto.—4. O me-tre d'armas sr. Carlos Nélis e alguns dos seus discipulos do «Club Sports Madeira». Da esquerda



para a direita: sentados os srs. João O. Farfã, Jorge Gordon, professor Carlos Nélis, João Tiago de Castro, Estevão Pinto e de pé os srs. Harry Burniston, G. Soito Maior e Salomão França.—(Clichs dos fotografos srs. M. Perestrelo & Filhos).



5. FREIXO DE ESPADA-A-GINTA, (Bragança).—Egreja de S. Miguel, fundada por D. Diniz. Junto existe o castelo e o pelourinho onde os prisioneiros eram amarrados com os roubos que faziam.—(Clichs do distinto amator sr. Antonio Maria Lopes).

MOVIMENTO PATRIOTICO



NO PORTO: Um trecho da tribuna onde se vê, em cabelo, o sr. dr. Levy Marques da Costa, a quem folgado, por homenagem à cidade de Lisboa, a presidência do comício—(«Clichês do fot. sr. Paz dos Reis)



PROPAGANDA ELEITORAL: Aspêto do comício realizado na Mina de S. Domingos

(«Clichês do sr. Oliveira de Almeida, de Be'a)



NO PORTO: O sr. dr. Levy Marques da Costa descendo da tribuna com alguns vereadores da camara municipal—(«Clichês do fotografo sr. Paz dos Reis)



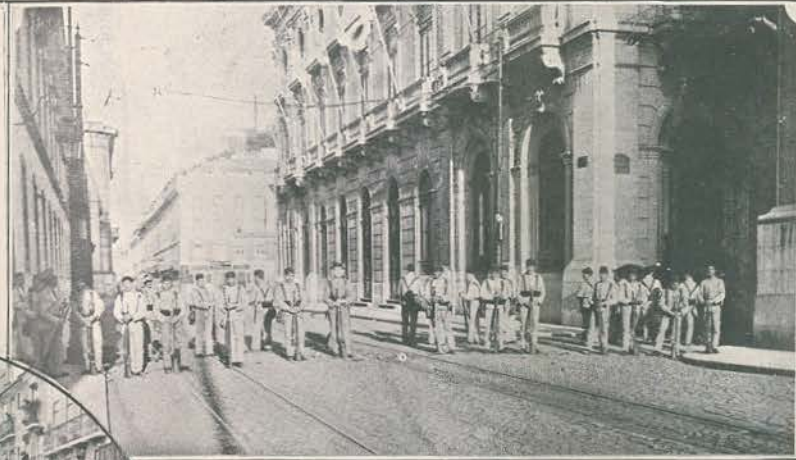
No Porto: Aspêto do comício municipal realizado no Porto, em que a vereação dissolvida deu conta dos seus atos aos eleitores (clichê do fotografo sr. Paz dos Reis).

OS ACONTECIMENTOS



Condução de feridos para posto da Cruz Vermelha

O movimento, que desde muito se vinha desenhando contra o governo do general sr. Pimenta de Castro, explodiu n'uma grande revolta na madrugada do dia 14, correndo por toda a Lisboa um fremito de pavor ao ouvir o ribombar do canhão e o estourar das granadas sobre a casaria da cidade, causando serios prejuizos materiaes e mortes. Quantos portuguezes perderam a vida ou



Infantaria 16 em frente do Ministerio do Interior



recolheram feridos aos hospitaes, atingidos pelas balas dos seus proprios cidadãos? A' hora a que escrevemos com a rapidez que exige o encerramento d'esta pagina suplementar, nada se pôde dizer ainda. Oxalá que esta desoladora luta de irmãos tenha quanto antes o desfecho mais em harmonia com os altos interesses do Estado e com a tranquillidade de que tanto precisamos.



Cavalaria da Guarda Republicana na embocadura da Rua do Arsenal



Conduzindo feridos para o posto da Cruz Vermelha

No largo do Calhau: Unidade de cavalaria 2

(Clutché Benoitte).

A homenagem a Guilherme Gomes Fernandes



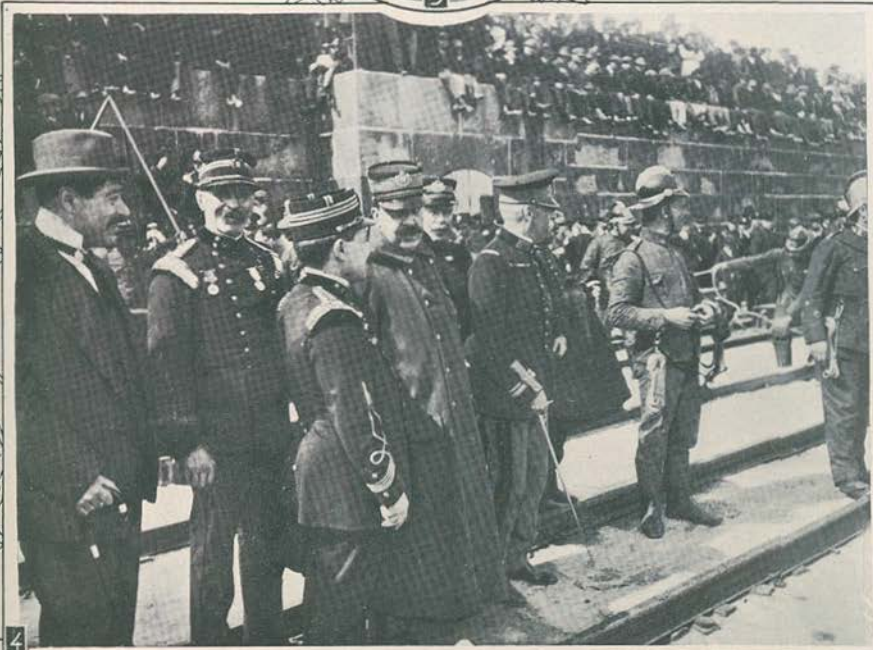
1 Lançamento de um foguete.

A cidade do Porto prestou ha poucos dias condigna homenagem á memoria gloriosa de Guilherme Gomes Fernandes, erigindo-lhe um monumento na antiga praça de Santa Tereza, a que foi dado agora tambem o nome d'aquelle bombeiro illustre. Foi uma cerimonia tocante a da inauguração do busto do notavel portuense, que se realisou no dia 1 de maio, assistindo



2 Um salvado

representantes da camara, delegados de quasi todas as corporações de bombeiros do paiz e muito povo. No dia seguinte, domingo, houve na nave central do Palacio de Cristal um torneio nacional de bombeiros, festa brilhantissima, que teve uma concorrência numerosa, a qual acompanhou com extraordinario interesse os exercicios realísados, dispensando aos concor-



3. Lançamento de um barco de salvação—1. Bombeiros graduados e comissão das festas, assistindo aos exercicios de socorros a naufragos em Leixões—(Clichés do sr. Alves Martins)

rentes quentes e entusiasticos apiausos.

O primeiro premio, que constava d'outra medalha d'ouro e d'uma artistica salva de prata, oferecida pela camara do Porto e cinzelada por Acacio Trigueiros, foi pelo juri conferido, com toda a justiça, aos bombeiros municipais do Porto. Os outros, constando de medalhas de prata e menções honrosas, foram respectivamente distribuidos aos municipais de Coimbra e aos voluntarios de Vila Real.



A cerimonia do descerramento do busto—(Cliché do sr. Alves Martins)

Na segunda feira, os bombeiros voluntarios de Matosinhos ofereceram aos seus colegas de fóra do Porto um exercicio de socorros a naufragos, o qual decorreu a admiravelmente.

Com um copo d'agua que aos illustres visitantes da cidade do Porto, n'esse dia á noite foi oferecido na prestimosa Associação dos Bombeiros Voluntarios, terminaram os brilhantes festejos em honra do saudoso Guilherme Gomes Fernandes.

Portalegre, de Coimbra, de Braga e

lhantes festejos em honra do saudoso Guilherme Gomes Fernandes.



Outro aspecto do descerramento da lapide pelo presidente da camara, sr. Francisco Xavier Esteves (Cliché do fotografo sr. A. Cunha)

EMIGRADOS QUE VOLTAM



1. Instantâneo tirado às 19 horas na calçada do Marquez de Abrantes no dia da chegada a Lisboa do ex-capitão do exército Paiva Couceiro, que ali foi, acompanhado de sua esposa e do sr. marquez de Ficalho, visitar seu pae que se encontra doente.
2. O padre Domingos, chefe do movimento monárquico de Cabeceiras de Basto, no dia seguinte ao da sua chegada a Lisboa, conversando com o sr. André Supardo à porta do palacete do sr. Ferreira de Mesquita, em Santa Catarina, onde está hospedado o ex-capitão Paiva Couceiro. Ao fundo vê-se em cabelo, o ex-tenente Constancio cumprimentando umas senhoras.

((Clichés Benoitel)).

No Campo Pequeno

Os dois primeiros domingos d'este mez nem pareceram de maio: sombrios, agrestes, ameaçadores de diluvis. Ainda assim no dia 9 a praça do Campo Pequeno quasi que se encheu, devido ao programa tentador da tourada. O publico de Lisboa ia tornar a vêr o notavel «diestro» Ale, aparecendo pela primeira vez o aplaudido novilheiro Amuedo, que bem mostrou os recursos

uma tarde cheia de atrativos.

O gado em geral não saiu mau: bonito, forte e esperto; mas foram raros os touros com que os respetivos artistas se entenderam bem, havendo algumas colhidas e sortes pouco felizes.

A lide no conjunto foi, porém, animada, e tanto os afamados hespanhoes, como Macedo e os banda-



7



2



3



4



5



6

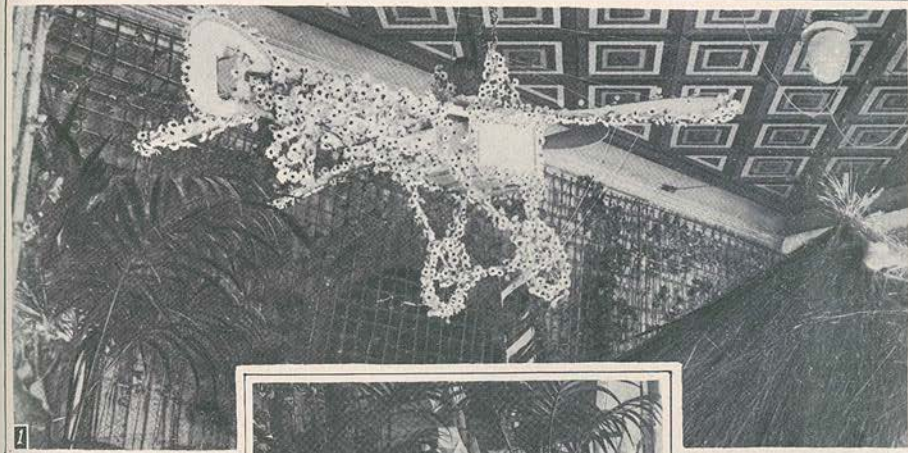
1. Um passe em redondo de Ale—2. Ale n'um passe por alto—3. Ale toureando de muleta—4. Ale entrando a matar
5. Ale saindo da sorte—6. Uma pega—(Clíchés Garcez)

da sua arte. Também este ano ainda não pisára a arena o cavaleiro Eduardo Macedo. Era, pois,

rilheiros portugueses, foram alvo de muitas palmas e aclamações porque tiveram também sortes felizes,

Festa das flôres

NOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO



1

Brilhante foi a exposição inaugurada nos Grandes Armazens do Chiado no dia 3, data gloriosa do descobrimento do Brazil pelos portugueses. Demonstrou este certamen que a raça portugueza possui ainda as mesmas qualidades de arrojo e iniciativa, que tanto honram a firma Santos Cruz e Oliveira, Limitada, proprietaria d'este suntuoso estabelecimento, um dos mais importantes melhoraos que apresenta hoje Lisboa. N'ela podemos admirar o que temido n'estes ultimos anos a nossa industria. As flôres all expostas são de tão perfeita confeccão que parecem naturaes. Deveras encantadora e artistica, revelou a exposiçãõ

o bom gosto do intelligente e ativo empregado dos Grandes Armazens do Chiado, sr. João Penim, tendo sido auxiliado para este bom exito por todos os empregados da secção de retrozeiro.

Vendiam flôres tres gentis e graciosas empregadas as srs. D. Ema de Figueiredo, D. Laura do Patrocinio Ferreira e D. Piedade Mascarenhas, que ostentavam lindissimas toilettes executadas nos ateliers que possuem estes grandes Armazens sob a direcção da sua habil *premiere* Madame Charlotte, que hoje conta inumeras sympathias na sua larga clientela. Na nossa visita fomos gentilmente acompanhados pelos srs. Santos. Cruz e Oliveira.



TEATROS

O "HOMEM MACACO" no Teatro do Ginasio

Os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos conseguiram transformar uma farça italiana, que supomos tem o titulo *Il Jettatore*, n'uma alegre, movimentada, endiabrada comedia portugueza — de tipos portuguezes e costumes portuguezes. Passa-se ali, em Paço d'Arcos, a ação dos tres atos Ja peça — e d'esses tres, o segundo sobretudo é uma maravilha de boa chalaça e de comicas situações. Os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, são mestres n'essa arte de *faire rire les honnêtes gens*, como dizia Moliere. Ainda, ha dias, n'aqule mesmo palco do Ginasio, uma farça dos dois primeiros d'estes autores, *Casa com escritos*, nos fez rir com uma alegria a que não andamos muito habituados.

O *homem macaco* é, a todos os respeito, uma franca comedia excelente. Ha talvez alguns typos, demasiado vistos, como o da soiteirona amorosa, de mais a mais encarnada pela atriz Maria Matos, já repetida, embora sempre com brilho, em outros papeis identicos. Mas, a par d'isso, que fantasia, que *verve* no dialogo, em que a replica nunca



A atriz Maria Pia

O "PRIMEIRO BEIJO" no Teatro Nacional

O cartaz da festa artistica da distinta atriz Maria Pia deu ao Teatro Nacional a honra de fazer mais uma vez passar, no seu palco, o espirito e a sensibilidade adoraveis do grande poeta e do grande aguaralista da palavra que é Julio Dantas. O *Primeiro Beijo* é um ato de ternura que honra a gloria do escritor da *Ceia dos Cardeaes*. Com que prazer e com que saudade quem estas linhas escreve recorda essa afastada noite de Braga, em que, no Teatro S. Geraldo, n'uma festa deliciosa, lhe foi dado assistir á primeira representação d'essa joia literaria! Com Henrique Lopes de Mendonça, mestre de nós todos, tinhamos ido a convite de Antero de Figueiredo, acompanhar Julio Dantas a Braga e lá passámos todos algumas encantadoras horas. Revivemo-las agora, essas horas afetuozas ouvindo de novo, no palco do Nacional, chorar e estremeecer a voz e a saudade da «Morgada da Rosa» — e vendo novamente surgir o quadro pitoresco e gentil do seculo XVIII em que a inspiração, sobre todas eminentemente delicada, do grande poeta emoldurou a evocação



A atriz Auzenda d'Oliveira



O sr. Augusto de Lacerda, auctor da peça «Martires do Ideal» cuja recita se realisa hoje no «Nacional».

amortece e em que o espirito cintila, inofensivo e brilhante! E se o terceiro ato fosse igual ao segundo — de todos, o melhor — estaríamos em frente d'uma farça, genero *gervasiano*, modelar.

feliz do lindo dialogo dos dois paes que recordam o amor triste dos seus filhos mortos!...

A. de C.